

Luto e filosofia

Editorial

A filosofia brasileira está de luto. Morreu Bento Prado Jr., sinônimo de inteligência e de elegância, na vida e na filosofia. A coragem de apresentar suas próprias perspectivas marcou o filósofo, que se apresentava como “um homem de esquerda” e deixava transparecer - com garbo e audácia - o ânimo de ser “*gauche* na vida”. Seu modo de filosofar está materializado na forma de diversos artigos e livros publicados no Brasil e no exterior. A gravata borboleta, a *galanterie*, os cigarros e o álcool costumavam acompanhar as sagazes formulações do espírito inquieto que notabilizou-se pela agudeza tanto quanto pelo estilo. E este, sempre inimitável, é insubstituível.

Mas o que é o luto? Durante a guerra, Freud escreveu “Luto e Melancolia”. Caracterizava, então, o trabalho do luto como o trabalho da criação de um vazio no lugar antes ocupado pelo objeto agora perdido. A criação deste vazio seria condição para o desvio da energia psíquica para outros objetos. Talvez fosse lícito dizer que o minuto de silêncio seja um ritual social fundado nesta exigência peculiar do trabalho de luto. Nosso minuto de silêncio sai na forma desajeitada de um branco no meio da página.

Mas uma das funções da arte não é precisamente criar algo em torno do vazio? É neste espírito que apresentamos nosso Número 2. Diante do sucesso do primeiro número, evidenciado pelo quilate dos autores que têm nos enviado artigos, convidamos o leitor a frequen-

tar as páginas deste novo volume. Marcado também pela diversidade teórica, este número traz contribuições de autores conhecidos mundialmente, como Slavoj Žižek e Jean-Claude Milner, discutindo, respectivamente a ópera e o cinema. Entre nós, temos Vladimir Safatle e Charles Feitosa, que tomam, cada um a seu modo, instrumentos da dialética hegeliana para abordar o cinismo e a ironia em um caso, o senso e o sensível em outro. Ana de Oliveira e Maria Cristina Ferraz examinam as fronteiras entre a filosofia e a ficção. Rodrigo Duarte vai de Hegel e Adorno até Arthur Danto, explorando o tema da desartificação na arte contemporânea. A arte contemporânea, na feição que lhe dá Yves Klein, é o tema do ensaio de Bruno Haas, que completa a seção de textos filosóficos.

As partes dedicadas ao teatro e à música apostam em autores menos conhecidos, mas igualmente talentosos. Martha Leite e Eusébio Lobo abordam o tema da verdade teatral a partir de Stanislavski e de Peter Brook; Tania Feix e Daniel Furtado estudam o teatro na pós-modernidade e os regimes de narratividade, respectivamente. Sandra Parra aborda a respiração e a criação cênica. A correspondência entre Curt Lange e Camargo Guarnieri é o tema do trabalho de Cesar Buscacio, enquanto Flavio Barbeitas estuda o papel da música na constituição da identidade nacional. Alberto Sampaio Neto aproxima os processos de análises musicais e as práticas interpretativas. Finalmente, Enrique Menezes interpreta a música como um objeto, ao mesmo tempo, altamente racional e asemântico.

Por comodidade, o editor preferiu manter a divisão deste volume conforme a disposição das matérias, agrupando os textos em três partes principais: filosofia, teatro e música. Mas o leitor atento saberá perceber possibilidades transversais de leitura. O texto de Menezes, por exemplo, poderia figurar em meio aos textos filosóficos. Seria igualmente fecundo organizarmos um recorte em torno da literatura. Neste caso, teríamos um dossiê composto de textos que ou dialogam com Fernando Pessoa, Guimarães Rosa, Machado de Assis, Mário de Andrade, ou se valem de métodos correntes na crítica literária. Assim reuniríamos os textos de Ferraz, Furtado, Barbeitas, Buscacio etc. Poder-se-ia também constituir um dossiê multidisciplinar sobre a técnica, tema que perpassa alguns artigos... As possibilidades combinatórias são inúmeras. Caberá ao leitor o trabalho de constituir seu próprio recorte.

O presente número inaugura nossa seção de resenhas, na qual publicamos a apreciação feita por Marco Aurélio Werle sobre o último livro de Roberto Machado. Finalmente, o número se encerra de maneira dupla. Primeiro, com uma singela homenagem a Bento Prado Jr. intitulada “O filósofo e suas lágrimas”, escrita por Vladimir Safatle. Depois, com um poema de Paulo Nunes intitulado “Pão dos mortos”, que nos chegou, talvez por obra do acaso, neste momento de luto. Um acaso, talvez, mas objetivo. A arte tem dessas coisas.

Gilson Iannini
com a colaboração de Imaculada Kangussu